

Filho-do-Sol, um malandro indígena

Saskia Ossewaarde

Um fenômeno bem conhecido nas ciências da religião é o ser mítico, deus ou semi-deus, que presta bons serviços aos homens, mas ao mesmo tempo causa infelicidade. Um exemplo da mitologia grega é Hermes. Das mãos deste intermediário entre deuses e homens Pandora recebe um vaso que representa o reino dos mortos e no qual foi escondida a vida humana. Quem recebe esta vida automaticamente é candidato à morte. Porém, o pacote de presentes também contém a esperança, a esperança de uma vida bem-aventurada depois da morte. É exatamente esta esperança que tem que reconciliar os homens com a vida terrena, e com a fraude divina.

Designa-se uma tal figura ambivalente, que une características de benfeitor e de impostor na sua pessoa, com o termo técnico: "trickster", quer dizer, malandro. Encontramos o malandro também fora do mundo das religiões antigas, p. ex.. nas religiões tribais africanas e nas religiões dos índios das Américas. Ao longo dos anos as ciências da religião têm prestado muita atenção a este malandro. Vou repassar com vocês os resultados de mais de 50 anos de estudos teóricos em cima do malandro. Um malandro indígena pode servir de exemplo. Escolho o malandro dos índios Kwakiutl, embora tenhamos com Exu um bom representante brasileiro. Fico devendo um estudo sobre ele, mas não sei se a EST está disposta a organizar de novo uma reunião festiva, com mais uma recepção para uma palestra sobre Exu.

Os Kwakiutl são um dos povos indígenas que moram na costa noroeste da América do Norte. Especialmente devido ao antropólogo Franz Boas (1858-1942), que fez pesquisa de campo lá durante muitos anos, este povo está bem documentado. Os Kwakiutl são semi-nômades e providenciam sua subsistência por meio da pesca e da caça¹. Na primavera e

1 — F. BOAS, *The Social Organization and the Secret Societies of the Kwakiutl Indians*, p. 317-318; cf. F. BOAS *Kwakiutl Ethnography*, p. 8, 10.

no verão eles vivem perto de regiões pesqueiras, em pequenos grupos preparando um suprimento de víveres para o inverno². Nesta estação fria são sedentários e moram em casas resistentes de madeira junto à costa e estão organizadas em sociedades religiosas secretas³. Os Kwakiutl, então, distinguem nitidamente o verão do inverno. Quase todas as atividades sociais e religiosas são reservadas para o inverno.

Os Kwakiutl chamam o inverno literalmente de “os segredos” ou “o cerimonial”.⁴ O grande ritual do inverno, que demora muitos meses, é composto de uma série de pequenos rituais envolvendo os jovens Kwakiutl que são iniciados nas diversas sociedades sagradas. Os noviços ficam por algum tempo fora da aldeia, no mato. Lá eles encontram o ser sobrenatural, que é o protetor de sua sociedade. Durante o ritual da iniciação, os membros da sociedade buscam os noviços no mato e os trazem para a aldeia. Neste momento, os noviços são possuídos pelo espírito tutelar. Na aldeia tem lugar o exorcismo deste espírito.⁵ Daqui em diante o noviço é oficialmente membro da sociedade.

Muitas atividades são ligadas ao ritual de inverno, como refeições festivas e os assim chamados “potlatches”, quer dizer festas, nas quais o hospedeiro — no caso de uma iniciação, o pai do noviço — distribui bens e alimentação aos presentes. Entre uma festa e a outra há os casamentos do ano. O inverno também é o tempo em que os Kwakiutl constroem casas novas e canoas, fazem mobília e equipamento, esculpem postes de totens, máscaras, matracas e flautas, usadas nos rituais. Toda a costa noroeste tem uma cultura material de madeira de um nível muito alto. Isso não é surpreendente, quando sabemos que há matos enormes entre a costa e as Montanhas Rochosas. A arte destes índios, os postes de totens são famosos, tem um caráter especial e típico. Muitos objetos deste povo quase extinto, foram preservados e nos mostram numerosas figuras míticas animais e ancestrais e também representações reais da natureza que não desempenham um papel na mitologia.⁶ Este fato é importante para a minha conclusão final.

É no inverno que os Kwakiutl contam os mitos e outras histórias. Eles distinguem cuidadosamente os mitos das outras histórias.⁷ Mitos se desenvolvem no tempo mítico, que terminou com um grande dilúvio.

2 — H. CODERE, *Kwakiutl Society: Rank without Class*, p. 152.

3 — F. BOAS, op. cit., p. 419-420.

4 — Id., *ibid.*, p. 418.

5 — Id., *ibid.*, p. 431.

6 — Id., *Primitive Art*, p. 202.

7 — W. MUELLER, *Weltbild und Kult der Kwakiutl Indianer*, p. 55.

Nos mitos os homens têm a forma de um animal, enquanto que, p. ex., nas lendas clônicas são homens reais. A respeito do "Sitz im Leben" dos mitos e das lendas não sabemos quase nada. Sabemos somente, que os Kwakiutl contam mitos e histórias com elementos eróticos apenas aos rapazes. É verdade, que as meninas podem ficar no mesmo quarto, mas são obrigadas a não prestar atenção.⁸

O material mitológico disponível nos oferece 26 mitos, nos quais o malandro Leselagila, isto é, Filho-do-Sol, desempenha o papel central. Ele é um semi-deus, nascido do Sol divino e de uma mulher humana, e tem a forma de uma marta. Num destes mitos é descrita a sua concepção:

"A Mãe morava na Praia Curvada. Morreram o marido e o filho dela. Mãe se condeou sobre eles, mas com o tempo ela os esqueceu. Um dia, Mãe estava entrançando esteiras fora de casa. O tempo estava nublado e só de vez em quando o Sol irrompia pelas nuvens. Quando os raios brilharam nas costas de Mãe, ela engravidou. Durante a gravidez não fez esteiras para não prejudicar o nenê. (Os Kwakiutl acreditam que o entrançar pela mãe causa tranças nos membros do feto. Isso é ruim para o crescimento.) Mãe deu à luz um filho e o chamou Leselagila, quer dizer Filho-do-Sol. Foi uma marta. Mãe o lavou diariamente em água fria para que ele se tornasse um homem forte."⁹

Num destes mitos do malandro Filho-do-Sol lemos como o povo Kwakiutl mítico morava na Praia Curvada. De uma certa distância deles morava o povo dos Lobos. Os dois povos eram inimigos. Os Lobos possuíam o importante ritual de inverno, mas, devido à sua atuação astuciosa, Filho-do-Sol consegue obter o ritual para os Kwakiutl, depois de matar os noviços dos Lobos.¹⁰ Assim ele adquire, legalmente segundo as leis militares dos Kwakiutl, não só o ritual, mas também as posições religiosas nas sociedades, os cânticos e as danças religiosas de suas vítimas.

No tempo mítico, os Lobos também possuíam o poder de controlar o fluxo e o refluxo, mas porque eles tinham uma relação tensa com os Kwakiutl, eles nunca deixaram baixar a maré lá. Um mito do malandro relata como Filho-do-Sol roubou o rabo do Lobo Chefe e o devolveu, quando o Lobo Chefe prometeu baixar a maré até um nível aceitável para que os Kwakiutl pudessem colecionar mexilhões.¹¹ Filho-do-Sol prati-

8 — N. BANCROFT e W. FORMAN, *People of the Totem*, p. 95.

9 — F. BOAS e G. HUNT, *Kwakiutl Texts — Second Series*, p. 80s.

10 — Id., *ibid.*, p. 103ss.

11 — Id., *ibid.*, p. 88ss.

ca o mesmo método de seqüestrar para adquirir o fogo: rouba o filho dos espíritos do fogo do berço e recebe em troca o fogo deles.¹² É claro que o caráter do malandro tem um lado negativo.

Em seus mitos os temas principais são alimentação, casamento e sexualidade. Filho-do-Sol gosta de comer grandes porções, coleta ou rouba alimentação do povo mítico e não se interessa pelo aspecto social da refeição. Não sabe como se comportar como marido, como o mostram os seus casamentos com p. ex., a Senhora Rã¹³ e a Senhora Diorito.¹⁴ (entre parênteses: é bom lembrarmos que os homens no tempo mítico ainda não tinham uma forma humana). O primeiro termina, porque Filho-do-Sol não agüenta mais o coaxar da Rã, o segundo porque a esposa de pedra é muito silenciosa. O Filho-do-Sol parece então um ser complicado e é difícil interpretá-lo.

As ciências da religião o chamam de malandro ou de um dos heróis civilizadores dos Kwakiutl. Mas o que é que se entende por um malandro e por um herói civilizador e, além disso como estes dois estão relacionados? Quero conduzir vocês no caminho da literatura para vermos como se desenvolveu o ponto de vista a respeito desta figura mitológica complicada.

No seu artigo "Die Lichtbringer bei den Indianerstämmen der Nordwestküste und ihre Darstellung im Bilde", de 1982, **E. Selser** tenta interpretar a pequena estatura destes seres míticos. As forças da natureza não podem ser conquistadas numa luta esportiva entre dois participantes iguais. Tem que se derrotá-las por meio de artil e astúcia. Conseqüentemente, os animais que usam estas técnicas não são grandes e fortes, mas são os pequenos ladrões astuciosos como o coiole ou o corvo, e no nosso caso, a marta Filho-do-Sol.¹⁵ Selser apresenta uma explicação convincente da forma do malandro, mas uma desvantagem do seu estudo é que não fica claro o que é exatamente o imprevisível, o que é o misterioso neles. Selser não fala das características negativas.

Os heróis civilizadores da América do Norte também são objeto do estudo de **A. van Deursen**, em "Der Heilbringer" (1931). Ele os define como segue: são as figuras mitológicas que ou desempenham um papel no reordenamento da terra depois do grande dilúvio ou depois da criação, ou dão ao povo as leis principais, instituições e bens culturais. Muitas ve-

12 — F. BOAS, Mitos dos Kwakiutl, *Zeitschrift für Ethnologie*, p. 228ss.

13 — F. BOAS, *Kwakiutl Tales*, p. 128ss.

14 — F. BOAS, *Kwakiutl Texts — Second Series*, p. 122ss.

15 — E. SELSER, *Die Lichtbringer bei den Indianerstämmen der Nordwestküste und ihre Darstellung im Bilde*, p. 195-198.

zes, o herói civilizador tem um caráter dualístico: ele é benfeitor e impostor.¹⁶ Assim, as ciências da religião o definem como malandro e reservam o termo herói civilizador para benfeitores puros. Van Deursen aranjou o material disponível sistematicamente, mas não deu nenhuma explicação do malandro ou do herói civilizador.

Foi só com os artigos de **W. Brede Kristensen** e **J.P.B. de Josselin de Jong**, hoje em dia considerados clássicos, que o estudo do malandro e herói civilizador teve seguimento. Inspirado por "O Malandro Divino" de Kristensen (1929)¹⁷, De Josselin de Jong foi o primeiro que esteve a procura da forma geral e universal deste malandro. A seu ver existe uma semelhança significativa entre Hermes, estudado por Kristensen, e o malandro das religiões tribais:

"Como Hermes, o herói civilizador primitivo é na maioria das vezes um benfeitor e um malandro, um deus e um palhaço. Como Hermes ele pertence ao mundo dos deuses e ao inferno, aos vivos e aos mortos. Como Hermes, ele também proveio da aliança de céu e terra, a uma-dupla-unidade cósmica, cuja ambigüidade foi transferida para ele. A sua essência ainda é divina, mas próxima da humana: um mediador entre deuses e homens".¹⁸

Ao mesmo tempo, De Josselin de Jong não nega a possibilidade de este dualismo ter sido separado no decorrer do tempo em duas personalidades.

Na direção inversa raciocina **Paul Radin** no seu estudo do malandro da tribo indígena Winnebago. Na sua opinião, o malandro e o herói civilizador formavam, originalmente duas figuras independentes; o malandro somente possuía qualidades más, enquanto o herói civilizador só possuía qualidades boas. Com o tempo, episódios míticos sobre o malandro e o herói civilizador teriam sido misturados.¹⁹ Radin não consegue demonstrar que o malandro originalmente não tem capacidades criadoras e, a meu ver, a sua argumentação não é plausível. Pois, o que resta do malandro, se nós negássemos seu lado negativo? De maneira nenhuma resta uma figura caprichosa. Resta antes um ser maligno que é completamente de confiança, frente ao qual saberíamos exatamente o que

16 — A. VAN DEURSEN, *Der Heilbringer*, p. 361ss.

17 — W. B. KRISTENSEN, *De goddelijke bedrieger*.

18 — J. P. B. DE JOSSELIN DE JONG, *De oorsprong van den goddelijke bedrieger*, p. 23.

19 — P. RADIN, *Der göttliche Schelm*, p. 151ss.

podemos esperar dele. O real malandro, porém, nos sabe surpreender sempre de novo. Nunca podemos prever o que vai acontecer quando ele entra em cena.

Enquanto a teoria de Radin se baseou no malandro de apenas uma tribo indígena, **M. L. Ricketts** usou para sua tese de doutoramento, em 1964, material da toda a América do Norte. Ele interpreta o malandro como sendo um ser humano, que não aceita um papel de dependência e que quer tomar a iniciativa nas suas próprias mãos; quer ser todopoderoso e dominar tudo. Seu objetivo é exercer poder, mas ele não consegue: a vida humana tem limitações. Quando nos ritos se conta o fracasso do malandro, a narrativa gera o riso do público.²⁰ No livro de Ricketts são salientados dois pontos importantes dos mitos de malandro. Primeiro, ele está ridicularizando deuses e espíritos, as normas e regras estabelecidas da cultura. Segundo, o malandro faz o público rir sobre as próprias limitações humanas.

Ridicularizar as normas e transgredir tabus também é o tema central do artigo, mais original do que convincente, de **Laura Makarius** "Le Mythe du 'Trickster'". Cada sociedade, Makarius diz, tem suas regras e tabus. De vez em quando são negligenciados. O malandro, que é o Transgressor Principal, representa seu povo. Regularmente transgredindo as regras, ele provoca uma reação divina ou espiritual. Assim é gerada uma força mágica divina que pode ter um efeito positivo ou negativo.²¹ Portanto, para Makarius não é o próprio malandro que é uma figura ambivalente, ele antes provoca reações ambivalentes. Acredito que indevidamente ela transfere o problema do malandro para a força mágica e efetiva.

Barbara Babcock sublinha a marginalidade do malandro. O título do seu artigo é significativo: "A tolerated margin of mess: the trickster and his tales reconsidered." O malandro mostra que há outras possibilidades na vida, que são possíveis outras estruturas e até anti-estruturas, do que as vigentes, e ele nos faz lembrar que felizmente o caminho fica aberto para alterações. Isto é um alívio para o público e uma grande alegria. O comportamento não usual tem claramente um aspecto positivo e o alívio causa riso no público.²²

20 — M. L. RICKETTS, *The Structure and Religious Significance of the Trickster Transformer — Culture Hero in the Mythology of the North American Indians*, p. 605 ss.

21 — L. MAKARIUS, *Le Mythe du 'Trickster'*, p. 25.

22 — B. BABCOCK-ABRAHAMS, *A tolerated margin of mess: the trickster and his tales reconsidered*, *Jornal of the Folclore Institute*, 1974-5, p. 147-186.

Continuando no caminho de Babcock foi publicado, em 1980, o livro "The trickster in West Africa; a study of mythic irony and sacred delight" de **Robert D. Pelton**. Entre parênteses: num capítulo fala-se de Exu, o malandro dos Iorubá da Nigéria. Como já prometi, Exu será nosso tema em outra oportunidade. Agora nos interessa como Pelton construiu sua teoria sobre o malandro. Segundo ele, o malandro simboliza o homem vivendo no mundo, que fornece experiências contraditórias. Todos os dias de novo ele tenta unir estas experiências e combiná-las num sistema coerente. O malandro quer superar as contradições, mostrar a relatividade das limitações humanas.²³ Aqui o rir tem uma função: a base do humor — Pelton traz uma citação do antropólogo Peter Berger — é a discrepância entre o homem e o universo.²⁴

Quando avaliamos a literatura, temos que concluir que, embora muitos cientistas da religião tenham estudado o malandro, não se desenvolveu um consenso na definição desta figura. Na literatura mencionada domina a opinião do que o malandro é caracterizado por ambivalência: ele cria e engana. Esta é a sua característica principal. Entendo por um malandro: um ser sobrenatural, mítico que é ativo no tempo mítico e as ações dele são ambivalentes: ele é criador e impostor ao mesmo tempo. Tendo achado esta definição, de fato uma definição bastante vaga, voltaremos aos Kwakiutl.

Vemos, então, que os Kwakiutl conhecem três figuras que podem ser considerados como heróis civilizadores, respectivamente malandros. O mais respeitado é **Qanekelaku**. Ele é muito popular: em mais de trinta mitos Qanekelaku é o herói. Diz-se que o seu pai é o Sol. Seu nome significa "o Alado". Sobre a forma dele não sabemos nada mais. Ele representa o tipo de heróis civilizadores, chamado "transformer", quer dizer, não é o próprio criador, mas está peregrinando e nas suas viagens organiza e altera o mundo criado. Cito um mito que pode servir como ilustração:

"A geração do coati-lavadeiro.

Qanekelaku continuou suas peregrinações. Encontrou um homem que estava preparando uma lança para guerra. Qanekelaku lhe perguntou: 'o que você está fazendo?' O homem respondeu: 'de onde tu vens que nem sabes que está chegando Qanekelaku que organiza tudo? Vou derrotá-lo com esta

23 — R.D. PELTON, *The Trickster in West Africa: a study of mythic irony and sacred delight*, p. 269 s.

24 — Id., *ibid.*, p. 270.

arma.' Pediu Qanekelaku a lança por um momentinho só para dar uma olhada. Recebeu então a lança e de repente a espetou nas costas do homem, falando: 'toma! Você será o coati-lavadeiro das próximas gerações!'"²⁵

Da mesma maneira, Qanekelaku é responsável pela geração das lontras, dos Patos Selvagens e, isto é interessante, das martas.²⁶ Faz felizes os seres humanos, por mudar os órgãos genitais, que no tempo mítico estavam na cabeça, transferindo-os para baixo.²⁷ O seu caráter sobrenatural é óbvio: ele ressuscita da morte seu irmão.²⁸ E também os homens que querem matá-lo não o conseguem, eles não sabem quebrar seu poder divino. Qanekelaku não é um impostor e tem um comportamento razoável. Os Kwakiutl o respeitam e lhe dão o título "Nosso Senhor". Nos mitos é claro que Qanekelaku é uma figura profana. Ele não tem nada a ver com a religião ou com o ritual de inverno. Nem tem o interesse de se interessar por isso, visto o fato de que ele evita o contato com os xamãs. Aspectos de malandro estão completamente ausentes nos mitos a seu respeito.

O segundo herói civilizador, respectivamente malandro, é **Kwek-waxawe**, o Corvo. Como Qanekelaku ele é um ser mítico que apresenta atividades de herói civilizador e de 'transformer', mas antes de mais nada, ele tem o caráter de um malandro, e nisso, é muito semelhante ao Filho-do-Sol, o terceiro herói civilizador, que vamos estudar daqui a pouco.

Um dos mitos do Corvo é paralelo ao mito de Filho-do-Sol, pois também ele seqüestra o rabo do Lobo Chefe.²⁹ Um outro paralelo existe na questão de fluxo e refluxo.³⁰ Além disso, o Corvo sabe adquirir a luz do dia³¹ e a água potável.³² De resto, já conhecemos os temas dos seus mitos do Filho-do-Sol: alimentação e sexualidade.

O antropólogo Franz Boas acredita que o Corvo não é originalmente Kwakiutl. Realmente, ele pertence aos outros povos indígenas da costa noroeste. Na mitologia destes índios o Corvo não é um estrangeiro,

25 — F. BOAS, **Kwakiutl Texts — Second Series**, p. 212s.

26 — Id., *ibid.*, p. 213s.

27 — Id., *ibid.*, p. 216s.

28 — Id., *ibid.*, p. 207ss.

29 — Id., **Kwakiutl Texts**, p. 278ss.

30 — Id., **Kwakiutl Tales**, p. 228ss.

31 — Id., *ibid.*, p. 232ss.

32 — Id., *ibid.*, p. 224ss.

ao contrário, estes povos conhecem o malandro sob a forma exclusiva do Corvo. Há mais ou menos setenta mitos do Corvo na costa noroeste. Quero dar alguns exemplos.

“Corvo rouba o Sol.³³

No início o Sol era preservado numa caixa e os homens só conheciam o luar. Então, o Corvo decidiu roubar o Sol. Ele o roubou assim: disfarçado como cria de truta, Corvo se escondeu na água potável da filha do Chefe que guardava o Sol. A menina bebeu a água e engravidou e depois de algum tempo deu luz ao Corvo. Ele sempre pedia a caixa do Sol. Finalmente, a sua mãe o deixou brincar com a caixa. Corvo brincou com a caixa dentro da casa, um pouco fora da casa, um pouco mais longe de casa, afastando-se cada vez mais, e na última vez fugiu, levando a caixa do Sol consigo. Encontrou um grupo dos homens e lhes propôs libertar o Sol em troca de alimentação. Eles não aceitaram sua proposta de troca, mas um segundo grupo sim. O primeiro grupo, amando o luar, não apreciando a luz do Sol foi transformado em rãs.”

“Corvo e Cervo.³⁴

Corvo perguntou ao Cervo: ‘quando você engorda? Respondeu Cervo: ‘quando os galhos são colocados no chão para secar os salmões.’ (Isto é, na cultura Kwakiutl, na primavera e no verão. Nestas estações tem uma abundância de alimentação). Corvo disse: ‘por acaso, eu também! Devemos ser parentes.’ Pouco tempo depois, Corvo propôs subir em uma montanha alta para lamentar os seus predecessores comuns. Mas chegado lá em cima, Corvo empurrou Cervo para baixo. Cervo caiu e morreu. Corvo voou ligeiramente até sua vítima, a preparou e cozinhou em cima de um fogo. Mas quando ele quis começar a comê-lo, um tronco de árvore se deixou cair sobre o Cervo. Levantou-se depois lentamente e, olha: o corpo do Cervo tinha desaparecido. O tronco o comera.”

A grande maioria dos mitos de Corvo tem o tema central da ganância. Poucos têm elementos eróticos. Corvo atua tanto sob forma de herói civilizador como de malandro, como de ‘transformer’.

Acredito que Boas tem razão, quando supõe que Corvo originalmente não fazia parte da mitologia Kwakiutl. Ele nos dá o seguinte argumento: os povos setentrionais têm muito mais mitos do Corvo e o número diminui gradualmente em direção ao Sul. Este argumento de difusão po-

33 — Id., *Bella Bella Tales*, p. 3s.

34 — T. F. MCILWRAITH, *The Bella Coola Indians*, p. 389s.

de ter um certo valor, ou seja, a idéia de que quanto maior é a concentração dos mitos, tanto mais próximo é o lugar de origem. Na minha opinião, há outros argumentos mais fortes a favor da hipótese de que Corvo não é o malandro original dos Kwakiutl, mas sim Filho-do-Sol.

Primeiro, o número dos mitos de Filho-do-Sol é maior do que os do Corvo. Além disso, conhecemos a figura e o caráter do Filho-do-Sol profundamente, enquanto Corvo é um ser mitológico bastante vago. Mais importante para minha argumentação é perceber que o "couleur locale", a característica particular é obscura nos mitos do Corvo: nunca se fala, p. ex., do povo mítico Kwakiutl. É verdade que Corvo adquire os bens culturais essenciais, mas não lemos a favor de quem. Por isso, as descrições e os mitos ficam gerais e não são especificamente Kwakiutl. Finalmente, o argumento decisivo, ou seja, a maneira como Filho-do-Sol e Corvo são ligados à religião e ao ritual de inverno. Num dos mitos de Corvo lemos que Corvo ressuscita da morte e se torna um grande xamã. Portanto, desempenha um papel dentro da religião. Porém, não é ele que adquire o ritual de inverno. Adquirir este ritual está reservado na mitologia Kwakiutl a Filho-do-Sol.

Admito que entre os 26 mitos de Filho-do-Sol encontramos só um a respeito do ritual de inverno, mas ao mesmo tempo precisamente este mito é o mais comprido e o mais detalhado da coleção. Apesar disso, com o tempo se desenvolvem facilmente mitos breves e simples sobre um casamento ou sobre alimentação, mas não é tão fácil criar um mito novo em cima do ritual de inverno com todos os detalhes específicos. Por isso, acho que o número mínimo de um mito não tem conseqüências para a importância do assunto.

Veremos na continuação da minha argumentação por que a obção deste ritual é o ponto crucial para definir o verdadeiro malandro Kwakiutl. Agora só concluo que, considerando estes argumentos enumerados acima, o Corvo é um dos heróis civilizadores respectivamente malandros Kwakiutl, mas não merece o título de malandro original destes índios.

Vamos ver se podemos estudar o terceiro herói civilizador respectivamente malandro mais de perto. Já falamos um pouco sobre ele no início da nossa pesquisa, e já sabemos como foi a sua concepção. Aqui segue um mito de casamento de Filho-do-Sol.

"Filho-de-Sol casa com Senhora Alga."³⁵

Muito deprimido, Filho-do-Sol estava deitado de costas. A sua Mãe não dizia nada. Filho-do-Sol lhe informou que queria

35 — F. BOAS, *Kwakiutl Texts — Second Series*, p. 117ss.

casar-se. Mãe perguntou: 'quem será a noiva?' Filho-do-Sol respondeu: 'será Senhora Alga.' Mãe: 'não é verdade! Isso não pode.' Mas Filho-do-Sol insistiu. Ele se preparou e saiu para o norte da Praia Curvada. Lá, ele encontrou Senhora Alga. Na maré baixa se deitou ao lado dela. Alga lhe perguntou: 'o que você vem fazer?' Filho-do-Sol disse: 'quero que casemos.' Alga se calou. Filho-do-Sol propôs arrojarem-se para baixo, quando houvesse maré alta. Alga disse: 'será sufocante para ti.' Filho-do-Sol: 'combinemos o seguinte: tu me soltarás quando eu te arranhar.' Alga se calou de novo. Quando veio a maré alta, eles abraçaram-se e se arrojaram para baixo. Foi muito sufocante para Filho-do-Sol e ele começou a arranhar Senhora Alga. Porém, ela só o largou quando ele não se moveu mais. Filho-do-Sol morreu e flutuou para a praia. Um homem velho o achou e chamou a sua Mãe. Filho-do-Sol acordou, dizendo: 'eu dormi bastante!' E foi para casa."

"A luta contra o Lobo Chefe.³⁶

Filho-do-Sol e seu amigo Cervo tinham planejado um ardil. Aconteceu o seguinte: numa noite, um mensageiro veio a Filho-do-Sol, anunciando a morte de Cervo. Filho-do-Sol correu para a casa de Cervo e mandou colocar o corpo num caixão, e pôr o caixão numa árvore, nos ramos mais baixos. (Enquanto o costume Kwakiutl do enterro é exatamente na posição mais alta para proteger o corpo contra ataques de animais selvagens.) Na próxima noite os Lobos atacaram o caixão, como Filho-do-Sol já esperava. Subindo um nos ombros do outro, os Lobos alcançaram o caixão e o Lobo Chefe o abriu. Rapidamente, Cervo cortou o rabo do Chefe. Os Lobos todos caíram no chão e fugiram. Cerbo trouxe o rabo para Filho-do-Sol, que o pendurou em cima de um fogo. Isso doeu muito e o Chefe mandou um mensageiro para trazer o rabo de volta. Filho-do-Sol devolveu o rabo, quando o Lobo Chefe prometeu baixar a maré. Desde então os Kwakiutl podem coletar mexilhões."

"Filho-do-Sol adquire o ritual de inverno.³⁷

Era inverno, e o povo mítico passou fome. Os noviços dos Lobos saíram da aldeia para o mato. Filho-do-Sol também estava com fome e colocou uma rede de peixe no rio para pescar salmão. Três vezes a rede foi destruída e na quarta vez Filho-do-Sol descobriu que os noviços eram os culpados e os matou. Quando os Lobos quiseram buscar seus noviços no mato, eles não os acharam e, por isso, decidiram buscá-los por meio das danças religiosas na casa de festa. Todos vieram para dançar lá, inclusive Filho-do-Sol. Ele, porém, entrou na casa com a cabeça coberta

36 — Id., *ibid.*, p. 88ss.

37 — Id., *ibid.*, p. 103ss.

por um cobertor. Dançou até ao lugar dos Lobos. Tirou o cobertor e, olha: de repente as cabeças dos noviços estavam escondidas sob o cobertor. Os Lobos ficaram furiosos, mas Filho-do-Sol conseguiu fugir da casa. Pouco tempo depois, os participantes da festa ouviram no mato o canto dos Lobos noviços. Entrou um dançarino com um cobertor na cabeça. Diante dos Lobos, afastou-o e lhes mostrou uma serpente mágica com duas cabeças. Vendo-a, os participantes caíram mortos no chão. Filho-do-Sol — foi ele, que tinha esta cobra — fugiu de novo. Assim, adquireu o ritual de inverno.”

Por causa de espaço me senti obrigada a contar este último mito numa versão muito abreviada.

Antes já disse que é um ponto essencial que o ‘trickster’, o malandro dos Kwakiutl, desempenha o papel principal na obtenção do ritual de inverno. Para entender esta hipótese temos de perceber a importância deste ritual para os Kwakiutl. Vimos no início da preleção que os Kwakiutl têm uma vida de verão e uma outra de inverno. No verão eles moram em pequenos grupos perto de regiões pesqueiras e coletam o suprimento para o inverno. Não têm tempo para manter as relações sociais. Esta vida muda completamente no inverno. De volta, os Kwakiutl se instalam nas aldeias da costa e assim começa um período sedentário de quase meio ano. Não é apenas a vida religiosa com todos seus cerimoniais e rituais que alcança um ponto máximo, mas também a vida social: há casamentos, festas com distribuição de presentes, e campanhas militares são organizadas. Em resumo, no inverno a cultura Kwakiutl está em plena floração.

Então, quando Filho-do-Sol oferece o ritual de inverno aos Kwakiutl, implicitamente lhes dá sua cultura inteira, as instituições e regras, às quais todos os Kwakiutl adultos e iniciados devem obedecer. Cada cultura faz escolhas, seleções, escolhe da oferta ilimitada de opções um número limitado e cria, assim, um ambiente no qual uma certa ordem e ritmo incluem certas regras e prescrições. A escolha de opções definidas exclui outras. Quando um membro da sociedade quer manter sua posição dentro de sua cultura, precisa submeter-se às exigências desta mesma cultura. Sendo o malandro, Filho-do-Sol não está sujeito às regras que ele dá aos Kwakiutl. O povo não pode escolher mais como comportar-se, mas para um herói civilizador ou malandro todas as opções são possíveis, assim como para a criança não-iniciada. De fato, Filho-do-Sol é representado assim. Nos mitos de malandro ele nos mostra estas opções que não são mais possíveis para os Kwakiutl.

Especialmente quanto à alimentação, e ao casamento e à sexualidade, duas necessidades básicas do ser humano, a cultura Kwakiutl conhece prescrições severas. Filho-do-Sol não transgredir estas regras, mas tem uma liberdade completa de ação, porque não está vinculado, não é um ser cultural. Ao ouvirem os mitos nos quais Filho-do-Sol não consegue fazer ou adquirir o que quer, os Kwakiutl entendem — o elemento moralista às vezes está presente claramente — que as suas próprias regras são as melhores para organizar a vida.

Infelizmente, desta vida indígena não resta muito hoje em dia, mas fica uma lembrança permanente: possuímos milhares de páginas que falam de aspectos da vida Kwakiutl; temos uma grande porção de material mitológico; e, além disso, ficamos com a sua famosa arte.

Hoje à noite ouvimos alguma coisa sobre a sua cultura material e tentamos interpretar um ser mitológico através dos textos. Numa interpretação, porém, não pode ficar excluída esta arte impressionante. Máscaras, flautas, matracas, postes de totens, caixas de alimentação, casas, canoas, pratos, talheres, camas, muitos objetos foram preservados. Objetos com representações de lobos, ursos, corvos, salmões, lontras, castores, orcas, rãs, águias e assim por diante. Todas estas figuras fazem parte da cultura Kwakiutl.

Embora o malandro Filho-do-Sol tenha seu lugar na mitologia e embora ocupe assim um lugar na cultura espiritual, ele realmente fica fora da cultura, sendo um elemento a-cultural. A arte dos Kwakiutl reflete esta visão numa maneira maravilhosa: você vai procurar em vão uma imagem de Filho-do-Sol.

BIBLIOGRAFIA

- BABCOCK-ABRAHAMS, B. A tolerated margin of mess: the trickster and his tales reconsidered. **Journal of the Folklore Institute**, Bloomington, Indiana, EUA, v. 11-3 1974/5, p. 147-186.
- BANCROFT N. e FORMAN W. **People of the Totem. The Indians of the Pacific Northwest**. London, 1970.
- BOAS, F. Mitos dos Kwakiutl, contribuições a **Zeitschrift für Ethnologie**, Berlin, 1893.
- _____ The Social Organization and the Secret Societies of the Kwakiutl Indians. **Report of the U.S. National Museum**, New York, 1897, repr. 1970.

- _____ Kwakiutl Tales **Columbia University Contributions to Anthropology**, v. II. New York, 1910.
- _____ **Primitive Art**. Oslo, 1927. Repr. New York, 1955.
- _____ **Bella Bella Tales. Memoirs of the American Folk-Lore Society**, v. LII, New York, 1932.
- _____ e HUNT, G. **Kwakiutl Texts**. Publications of the Jesup North Pacific Expedition, v. III. Leiden, 1905.
- _____ **Kwakiutl Texts — Second Series**. Publications of the Jesup North Pacific Expedition, v. X. Leiden, 1906.
- CODERE, H. Kwakiutl Society: Rank without Class. In: T. McFEAT, ed. **Indians of the North Pacific Coast**. Seattle, London, 1966.
- VAN DEURSEN, A. **Der Heilbringer**. Amsterdam, 1931.
- DE JOSSELIN DE JONG, J.P.B. **De oorsprong van den goddelijke bedrieger**. Mededeelingen der Koninklijke Academie van Wetenschappen, afd. letterkunde deel 68, série B. n. 1. Amsterdam, 1929.
- KRISTENSEN, W. B. **De goddelijke bedrieger**. Mededeelingen der Koninklijke Academie van Wetenschappen, afd. letterkunde deel 66, série B, n. 3. Amsterdam, 1928.
- MAKARIUS, L. Le Mythe du 'Trickster'. **Revue de l'Histoire des Religions**, v. CLXXV, Paris, 1969, p. 17-46.
- MCILWRAITH, T. F. **The Bella Coola Indians**. Toronto, 1948.
- MUELLER, W. **Weltbild und Kult der Kwakiutl Indianer**. Wiesbaden, 1955.
- PELTON, R. D. **The Trickster in West Africa. A study of mythic irony and sacred delight**. Berkeley, Los Angeles, London, 1980.
- RADIN, P., JUNG, C. G., KERENYI, K. **Der göttliche Schelm**. Zürich 1954.
- RICKETTS, M. L. **The Structure and Religious Significance of the Trickster — Transformer — Culture Hero in the Mythology of the North American Indians**. Chicago, 1964.
- SELER, E. **Die Lichtbringer bei den Indianerstämmen der Nordwestküste und ihre Darstellung im Bilde**, *Globus*, v. 61, 1892, p. 195-198.